

MAQUINANDO MCLUHAN

“— Vou inventar a máquina de fazer invenções. Bota-se a idéia dentro, vira-se a manivela e pronto — tem-se a invenção que se quer”.

(Emília, a modo de fêcho à *História das Invenções*, de Monteiro Lobato).

Três autores de *best-sellers*, de nacionalidades diferentes e em diferentes décadas deste século, propõem-se estudar as *extensões* do homem.

O mais antigo deles é Hendryk Willem Van Loon, o polígrafo holandês que dividiu sua vida entre a pátria e os Estados Unidos. Escrevendo *best-sellers* variados, alimentou a imaginação infantil (possivelmente mesmo a de McLuhan, já que as datas, a língua e a zona de divulgação coincidem) e adulta, durante muitos anos. Hoje está esquecido, já que ingrata é a sorte dos autores de *best-sellers*: presos ao imediato do sucesso e do dinheiro, têm na visada mais a oportunidade que a eternidade. Sua obra vai d'A *História das Invenções* à *História da Humanidade*, passando pela *História da Bíblia*, *Vidas Lustres*, *A Geografia de Van Loon*, *As Artes*, *Navios*, *Em Volta do Mundo com o Alfabeto*, *Nossa Batalha*, *Invasão*, etc.

Como soi acontecer nas relações entre agências centrais da cultura e áreas dependentes, Monteiro Lobato teve seu interesse despertado pela *História da Invenções*, escrita em 1928 e publicada nos Estados Unidos com o título de *The Story of Invention — Man, the Miracle Maker*. Esse interesse leva-o a divulgá-la duplamente: baseando nela um de seus livros para crianças, da série do Sítio do Picapau Amarelo, que escreve em 1935, e publicando-a na última editora de que foi sócio, a Brasiliense, em 1945, em tradução de Hemengarda Leme. Assim vão sendo propagadas nas áreas dependentes as idéias de Van Loon sobre os valores da tecnologia. Da fortuna de suas obras no Brasil falam, não apenas os diferentes títulos editados, como também as sucessivas tiragens (1).

Um posfácio à edição brasileira de 1945 de *Vidas Ilustres* (Ed. Globo), em distinta e excelente tradução de Marques Rebêlo, dá conta de traços biográficos de Van Loon. Nascido em Rotterdam no fim do século passado, viveu entre a Holanda e os Estados Unidos. Viajava muito, versava várias línguas e se movia

(1). — Tenho à mão um exemplar da *História das Invenções*, Ed. Brasiliense, 3a. edição, 1957.

à vontade no que se poderia chamar uma cultura humanística tipicamente européia. Foi jornalista, escritor e professor, tendo um título de doutor obtido em Munique em 1911, acrescentado ao de bacharel em artes por Cornell nos Estados Unidos; também estudara em Harvard. Amante da pintura e da música, bom conhecedor de ambas como atesta sua obra, praticava o violino nas horas vagas. E seus livros são sempre ilustrados por curiosos desenhos de que é autor.

Publicado, a essa altura, “em 147 traduções diferentes em 21 línguas”, é assim que a orelha de *Vidas Ilustres* apresenta outras versões brasileiras na mesma casa:

— *O Mundo em que Vivemos*: — uma geografia original que acrescenta um fino humorismo a uma lição proveitosa.

— *História da Humanidade* — um compêndio de história universal em que o formalismo é substituído por uma deliciosa intimidade com o leitor e com o assunto.

— *América* — a história do continente americano em uma interpretação que é inteiramente nova, no fundo e na forma.

— *Navios* — como se realizou a conquista dos mares e o que tem sido a vida dos marinheiros através dos tempos.

— *As Artes* — um panorama, colorido e compreensivo, de tôdas as artes: uma apresentação, ampla e sugestiva, de todos os grandes artistas.

— *A História do Oceano Pacífico* — uma narrativa, tão interessante quanto precisa, de todos os conhecimentos e feitos ligados a êste vasto e misterioso oceano”.

Esta lista não deixa de lembrar a da literatura infantil de Monteiro Lobato, que também expressa preocupação didática em alguns livros, ao lado de outros de louca e admirável fantasia. A exemplo de sua *História das Invenções*, igualmente *Geografia de Dona Benta*, *Emília no País da Gramática*, *Aritmética da Emília*, *História do Mundo para as Crianças*, *O Minotauro*, *Os Doze Trabalhos de Hércules* operam naquela linha, bem como os *Serões de Dona Benta*, aulas teóricas e práticas de ciências.

*The Story of Invention — Man, the Miracle Maker*, de Van Loon, foi batizado na edição brasileira como *História das Invenções*. O mesmo título Monteiro Lobato dá a seu próprio livro, em que Dona Benta lê e explica para o povinho do sítio o livro de Van Loon. Já o de McLuhan, que em 1964 saíra nos Estados Unidos como *Understanding Media: The Extensions of Man* (que lembra a linguagem *scholar* dos livros anteriores do *new critic* Cleanth Brooks, *Understanding Poetry*, *Understanding Fiction* e *Understanding Drama*), recebe em 1969, na tradução de Décio Pignatari, o título de *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*.

Van Loon coloca logo de saída a proposição de que tôdas as invenções são extensões dos atributos físicos do homem. Assim, organiza e expõe ao longo do livro um rol minucioso dessas extensões. Os “atributos físicos” selecionados são: a pele, a mão, o pé, a bôca, o nariz, o ouvido e o olho. Da pele, são extensões

a roupa e o tear, desde a descoberta da possibilidade de utilizar o couro e a curtição até o cultivo do linho e de outros vegetais que fornecem fios, bem como o aproveitamento do bicho-da-sêda; a casa, da caverna aos arranhacéus; o fogo e seus usos para obter calor. A mão se estende nas armas, de evolução bem definida; nos utensílios em geral, como a pá, a serra, a tesoura, a alavanca, o arado, a draga, a corda, a roldana, das vasilhas aos silos, os cestos, o muro, a roda do oleiro, o vidro, a irrigação e o aqueduto, a fechadura, a rêde de pesca, a fôrca já num alto nível de civilização, o arco e a flecha, o canhão, o torpedo, o pilão, o moinho; a energia para mover armas e utensílios, extraída do carvão e do petróleo; as máquinas e mesmo os operários e as fábricas. Ao pé correspondem o trenó, a roda, a locomotiva, o automóvel, os patins, a ponte, o túnel, o barco, a âncora, o leme, o papagaio e o balão, o planador, o avião, o dirigível e os mísseis interplanetários que Van Loon já admite em 1928. Entre as extensões da bôca figuram a tradução, o tantã, o sino, o farol, a buzina, o megafone, os sinais com fumaça, o pombo correio, os sinais com bandeiras, o telégrafo, o rádio, os sinais rodoviários, a carta, os quipos dos incas, a escrita, a imprensa, o jornal, a fotografia e o cinema. Já ao ouvido, diz êle, dado seu caráter de receptor das extensões da bôca, poderiam ser atribuídas tôdas estas; mais os precursores do radar e as várias formas de captar sinais, inclusive o estetoscópio. As extensões do olho, por último, são a tocha, a vela, tôdas as variedades de lâmpadas, o holofote, a lente, os óculos, o telescópio e o microscópio.

Quando McLuhan compõe seu quadro das extensões, de fato transfere, como Van Loon já supusera e discutira, a maioria das extensões da bôca para o ouvido, e algumas para o olho; o que faz sentido dentro de sua perspectiva de análise, que é mais a do receptor do que a do emissor. Assim — e é natural, dado que na sociedade de massas muitos são os receptores e poucos os emissores —, as extensões são vistas mais como uma passividade, ainda que uma passividade operante, como insiste sempre, do que uma atividade. E sua contribuição maior é a da concepção da eletrotecnologia como extensão do sistema nervoso central: “O tema constante dêste livro é o de que tôdas as tecnologias são extensões de nossos sistema físico e nervoso, tendo em vista o aumento da energia e da velocidade” (2). Antes dêle, e até antes do desenvolvimento da eletrotecnologia, só a Emilia (tirante talvez Júlio Verne) pensara em pôr a *idéia* dentro da máquina, numa previsão ou mesmo possível superação da cibernética. Mais uma vez, o mundo curvou-se ante a boneca.

Em todo caso, não é só a preocupação com as extensões do homem que aproxima os três escritores. O holandês, o brasileiro e o canadense dão-se as mãos, na posição de alegres materialistas progressistas *doublés* de ideólogos da tecnologia e do consumo massificado de bens culturais. O que é bom para a agência central, é ótimo para as áreas dependentes.

Walnice Nogueira Galvão

---

(2). — McLuhan, *op. cit.*, p. 109.